

# CONECTAR PARA DESCONECTAR: LITERATURA INFANTIL E NATUREZA UNIDAS PELO MEIO DIGITAL; OS CASOS DO APP “NATU” E DO LIVRO “PASSARINHO ÀS OITO E POUCO”

Ana Maria Machado<sup>1</sup>  
Jaqueline Conte<sup>2</sup>

**Resumo:** O presente artigo trata de duas iniciativas que têm a literatura como elo entre a criança e a natureza: o aplicativo de caráter educacional “Natu - Contos das Árvores” e o livro literário “Passarinho às oito e pouco”, que exploram o potencial multimodal e outras características do meio digital para ampliar os sentidos e propiciar experiências estéticas e educativas significativas para as crianças. A apreciação dos dois projetos, com materialidades e propostas estéticas bem distintas, é feita à luz de teoria de Farman (2015) - que traça conexões entre produção espacial, comunidades e tecnologia, para tratar da corporificação na idade digital e da comunicação difusa - bem como de uma leitura ecocrítica, a perceber a responsabilidade ética que a literatura na era digital assume também para com o meio ambiente.

**Palavras-chave:** Literatura infantil digital; Educação ambiental; Mídia locativa, *Storytelling*, Ecocrítica.

## Connect to disconnect: children's literature and nature joined digitally; the cases of the app “Natu” and the book “A bird at eight o'clock”

**Abstract:** This article discusses two initiatives that have literature as a link between children and nature: the educational application “Natu - Tales from Trees” and the literary book “A bird at eight o'clock”, which explore the multimodal potential and other features of the digital medium to expand the senses and provide meaningful aesthetic and educational experiences for children. The appreciation of the two projects, which have very different materialities and aesthetic proposals, is made in the light of Farman's theory (2015) - which draws connections between spatial production, communities and technology, to deal with embodiment in the digital age and

---

<sup>1</sup> Universidade de Coimbra. ([anamacha@fl.uc.pt](mailto:anamacha@fl.uc.pt))

<sup>2</sup> Universidade de Coimbra. ([jqconte@gmail.com](mailto:jqconte@gmail.com))

pervasive communication – as well as of an eco-critical reading, realizing the ethical responsibility that literature in the digital age also assumes towards the environment.

**Keywords:** Children’s literature; Environmental education; Locative media; Storytelling; Ecocriticism.

Como incentivar a leitura e a convivência da criança com a natureza em uma era em que os dispositivos eletrônicos são ao mesmo tempo recursos de comunicação, estudo, trabalho, diversão e ócio? E como fazê-lo utilizando estes mesmos recursos? Considerar os dispositivos móveis e outras tecnologias de informação e comunicação como um meio e não um fim e como aliados, em vez de inimigos, parece ser a resposta. É o que fazem os projetos brasileiros “Natu – Contos das Árvores” e “Passarinho às oito e pouco”, que exploram, de formas muito distintas, o potencial multimodal e outras características do meio digital para ampliar os sentidos e propiciar experiências estéticas e educativas significativas para as crianças, tendo a literatura como veículo fundamental e a natureza como protagonista.

Passamos, então, a apresentar os dois projetos, para então percebê-los à luz de algumas reflexões de Jason Farman (2015) sobre a corporificação na era digital e da comunicação difusa – que trazem *insights* importantes sobre as novas maneiras de se contar histórias – e sob a ótica da ecocrítica, enquanto ramo dos estudos literários que propõe uma abordagem crítica das relações entre a literatura e o meio ambiente.

## O PROJETO “NATU”

“Natu – Contos das Árvores” é um aplicativo que funciona por geolocalização, desenvolvido inicialmente para *smartphones* do sistema iOS. O *app* gratuito leva o leitor a conhecer espécies de árvores da Mata Atlântica<sup>3</sup>, por meio do desbloqueio de contos literários e de informações técnicas sobre as espécies, quando o usuário está diante da árvore mapeada, em determinados parques e áreas verdes urbanas.

---

<sup>3</sup> Uma das florestas de maior biodiversidade do mundo; bioma que abrange aproximadamente 15% do território brasileiro e que está presente em 17 estados.

Os contos, ilustrados por Arthur D'Araújo, foram escritos especialmente para o projeto por respeitados autores da literatura infantil e juvenil brasileira e são narrados por grandes nomes da música, a saber: João Anzanello Carrascoza narrado por Mart´nália; Índigo, por Tiê; Tiago de Melo Andrade, por Lenine; Claudio Fragata, por Ney Matogrosso; e Andréa Pelagagi, por Fernanda Takai.

O aplicativo tem o apoio institucional da Fundação SOS Mata Atlântica e, atualmente, trabalha com cinco espécies de árvores: pau-ferro, ipê-amarelo, jequitibá, embaúba e pau-brasil, a partir de exemplares localizados em 17 parques e praças das cidades de São Paulo (SP), Rio de Janeiro (RJ), Uberaba (MG) e Divino de São Lourenço (ES). O botânico responsável pelo projeto é Antônio Campos Rocha Neto, que, entre outras ações desenvolvidas, auxiliou a idealizadora do *app* a criar o briefing para os escritores, munindo-os de informações e curiosidades a respeito das árvores sobre as quais seriam desenvolvidas as histórias.

As cinco narrativas locativas apresentadas no *app* promovem uma relação dialógica entre a história e a natureza. Apresentam as árvores como personagens principais ou como cenários-chave, sem as quais as histórias perdem seu sentido. No caso do conto “Simãozinho e o pé de embaúba”, por exemplo, de Claudio Fragata, narrado por Ney Matogrosso, um filhote de macaco sonha em subir na copa da embaúba e comer os seus frutos, como fazem os mais velhos do seu grupo, mas tem muito medo. Com a ajuda do bicho-preguiça, que propõe levá-lo às costas, o macaco sobe, a observar todos os outros animais que compõem aquele sistema – formigas, aves, insetos – que também vivem na árvore ou a frequentam. Aos poucos, o filhote perde o medo e junta-se à festa de espécies que se encontram na copa da planta<sup>4</sup>.

Disponível apenas em português, o aplicativo foi lançado no sistema iOS em abril de 2019, depois de um período de mais de seis anos entre a concepção e o desenvolvimento, em um processo que demandou a articulação de muitas parcerias, com autores, ilustrador, biólogos, botânicos, entre outros profissionais. Graças aos recursos obtidos com a realização de um

---

<sup>4</sup> O áudio deste conto pode ser ouvido no link: [https://open.spotify.com/episode/7yXc9KCYdWhv7rOjINBOzZ?si=IVBAFAe2Tnm50kaw05mdaQ&dl\\_branch=1](https://open.spotify.com/episode/7yXc9KCYdWhv7rOjINBOzZ?si=IVBAFAe2Tnm50kaw05mdaQ&dl_branch=1). Acesso em 11/08/2021.

financiamento coletivo<sup>5</sup>, a versão Android está em fase final de desenvolvimento, e deve incluir outros parques e praças com exemplares das mesmas árvores.

Para a consecução do projeto Natu, foram realizados mapeamentos prévios, a fim de verificar a adequação dos locais para uma observação segura das árvores, e também para apontar a localização precisa dos exemplares das espécies escolhidas, por meio da indicação da latitude e da longitude, já que sistemas de georreferenciamento como o do Google não detalham o interior de áreas verdes.

No entendimento da idealizadora e diretora artística do projeto, Fernanda Sarkis Coelho, Natu é um projeto educacional que proporciona uma experiência literária e lúdica com as árvores da Mata Atlântica (COELHO, 2021). Ela conta que o objetivo de integrar as obras literárias veio da percepção do potencial lúdico da literatura e da ideia de que as árvores oferecem um bom lugar para a leitura, à sombra de suas copas:

É um aplicativo que combina os dados científicos e o lúdico. A partir dos dados científicos, o leitor é levado para o lúdico, de forma a criar uma conexão mais humana e facilitar o aprendizado. Quando a gente acha algo legal, a gente tem uma capacidade de absorção muito maior. (COELHO, 2021)

**Funcionamento** - Com o *app* baixado no dispositivo móvel, o usuário escolhe a “Aventura” que deseja seguir. Primeiramente, é solicitada a permissão para que o *app* utilize a localização do usuário. Então, é aberta uma caixa de seleção pela qual se pode escolher a cidade e, então, as opções de área verde onde o *app* funciona naquele município. Com o local estabelecido, aparece nova caixa com as opções das árvores mapeadas naquele local e as respectivas distâncias em relação ao usuário. Pode haver mais de uma árvore de cada espécie mapeada em um mesmo parque.

---

<sup>5</sup> Financiamento realizado pela plataforma Catarse, entre 29/10/2019 e 28/12/2019: (<https://www.catarse.me/natucontos>). Acesso em 11/08/2021.

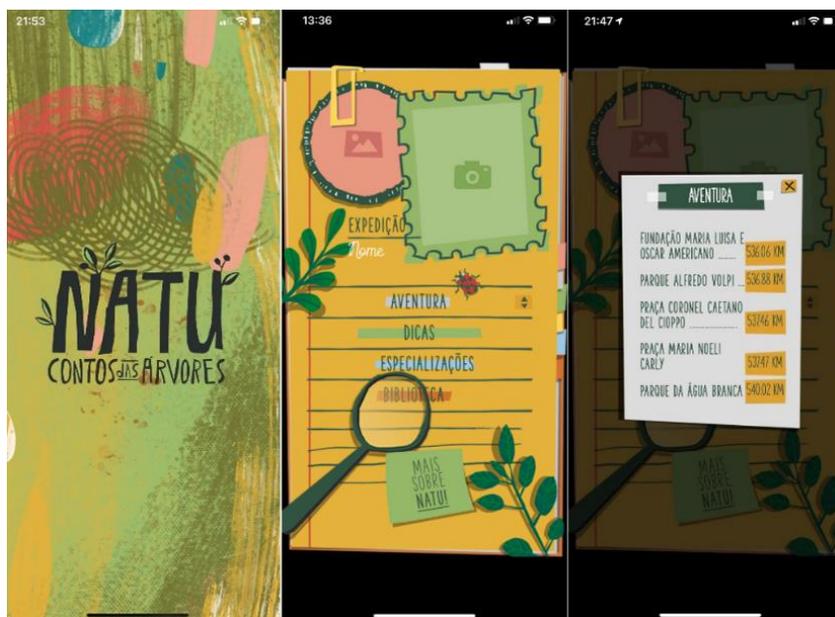


Figura 1: Montagem com impressões de tela do *app* “Natu” em iPhone.

Quando o usuário segue o mapa e chega próximo à árvore, uma animação é desbloqueada e a planta apresenta-se virtualmente. Então, conquista-se um conto que, além de poder ser lido na hora, junto à árvore, é enviado para a biblioteca do *app* para que possa ser relido e ouvido sempre que desejado, assim como ocorre com a ficha técnica da espécie. Para que se sinta como um explorador, a cada árvore encontrada, a criança ganha um distintivo virtual, que fica disponível na área “Especializações”. O usuário é incentivado, ainda, a completar o “Caderno de Coletas”, observando a espécie e tirando fotos das diferentes partes das árvores, que ficam, então, reunidas em um álbum. Novas imagens podem ser feitas em diferentes períodos do ano, em novas visitas já incentivadas na ocasião pelo *app*, para que se perceba as mudanças ocorridas nas diferentes estações. O objetivo é que as crianças e suas famílias, assim como educadores que acompanhem seus alunos na experiência, sejam capazes de identificar outros exemplares da espécie que porventura vejam nas ruas ou parques em seu dia-a-dia.

Depois do lançamento do *app*, foram realizados alguns eventos com grupos de crianças, como uma oficina de criação literária, que estendia a experiência do projeto. No entanto, novas ações coletivas foram inviabilizadas com o início da pandemia do COVID 19, em 2020. Frente à impossibilidade de visitas presenciais aos parques, os áudios dos cinco contos do projeto foram disponibilizados no serviço de *streaming* Spotify e podem ser ouvidos gratuitamente<sup>6</sup>.

Com um modelo facilmente replicável, a intenção da idealizadora é expandir o projeto “Natu” de forma colaborativa a outras cidades do país e, com o tempo, ampliar o número de espécies contempladas.

### “PASSARINHO ÀS OITO E POUCO”

O projeto “Passarinho às oito e pouco”, criado pela jornalista e escritora de literatura infantil e juvenil, Jaqueline Conte, tem uma proposta bem diferente da iniciativa anteriormente descrita. Híbrido, ele parte do livro tradicional impresso para oferecer uma experiência ampliada de leitura em meio digital, a partir do código QR impresso na página final da publicação, que leva ao *site* do projeto.

O livro de 32 páginas, com ilustrações de Adilson Farias, lançado em outubro de 2019, conta a história de uma mãe e um filho, intrigados com um passarinho que se choca, sempre em mesmo horário, contra a janela da sala do apartamento onde moram. A mãe, poeta, mostra ao filho o que escreveu inspirada naquele fato, o que acaba por motivá-lo a escrever também. A história foi inspirada em uma saíra azul macho (*Dacnis cayana*) que realmente frequentava a casa da escritora e batia-se contra o vidro da janela. No final do livro impresso há uma versão em inglês da obra, que utiliza os esboços em preto e branco feitos pelo ilustrador, no início do projeto.

---

<sup>6</sup> *Link* para ouvir todos os contos: Natu Contos | Podcast no Spotify Acesso em 11/08/2021.



Figura 2: Capa do livro impresso “Passarinho às oito e pouco”.

Utilizando o *smartphone* para ler o código *QR* impresso no livro<sup>7</sup>, o leitor é levado para o *site*, que traz uma gama de informações e de propostas, em diferentes linguagens e mídias: áudios com as narrações da história, com opção de idioma (português ou inglês) e de voz (masculina ou feminina); música; galeria de fotos; vídeos que documentam a ave; *hiperlinks* para conteúdos externos rigorosamente selecionados; textos escritos; propostas de interação com o leitor.

---

7 O site é responsivo e também é possível acessá-lo por outros dispositivos ou computadores desktop, digitando o endereço eletrônico impresso no livro, abaixo do código QR: <http://bit.ly/2kql1s9>.

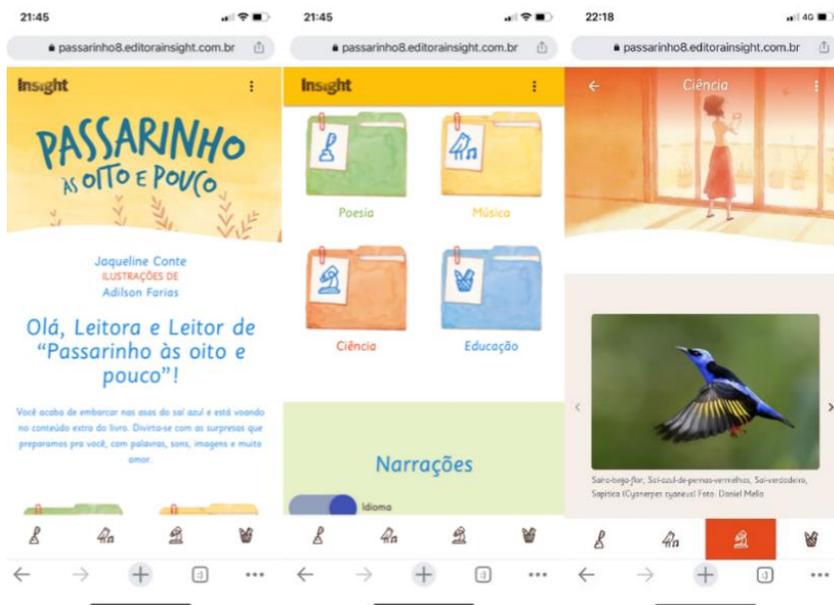


Figura 3: Montagem com impressões de tela em iPhone, de sequência da página inicial e do topo da página da seção “Ciência”.

O *site* é dividido em quatro grandes áreas. Na primeira, denominada “Poesia”, propõe-se ao leitor a criação de um texto poético. O personagem da história, Marcos, escreve um poema, mas o texto não aparece no livro impresso. Nessa área, o leitor é convidado a imaginar o poema que o menino teria feito e a enviá-lo pelo *site*. Em resposta, ele receberá na caixa postal eletrônica indicada por ele um e-mail com a imagem do bloco de notas do menino, com o texto que o personagem criou.

Na área “Música”, dividida nas abas “Bastidores”, “Aves na Música” e “Bônus”, o usuário pode ouvir uma canção criada especialmente para o projeto, sendo possível habilitar a opção que mostra, além da letra, as cifras para violão. “Bastidores” traz uma entrevista com a autora do livro e da canção e com o músico que fez a harmonização, o arranjo e a direção musical, Ronald José Magalhães. “Aves na Música” traz vídeos e letras de mais duas canções criadas

por Conte e Magalhães, que tratam de passarinhos, bem como outras 47 músicas que falam de aves, com *links* para as páginas que disponibilizam letra e áudio completos. Na aba “Bônus”, há um vídeo e áudio de música de outro compositor, Manassés Campos, com uma canção criada por inspiração da obra.

Na seção “Ciência”, há matérias que trazem informações sobre as aves e levam o leitor a entender o que são as espécies, seus nomes científicos e populares, as diferenças entre aves, pássaros e passarinhos, entre outras curiosidades, com fotos, ilustrações científicas, áudios e *links* de interesse. Uma galeria de fotos feitas (e autorizadas) por fotógrafos de natureza mostra as diferentes espécies de aves popularmente conhecidas como saí ou saíra. Entrevistas com ornitólogos explicam a razão dos passarinhos se baterem nas janelas e vidros, tratam da ciência cidadã e da atividade da observação de aves (*birdwatching*). Há ainda matéria em que se conta a história real do passarinho que inspirou o livro, com fotos e vídeos feitos pela autora durante as periódicas visitas da ave (*storytelling*).

Na seção “Educação”, são sugeridas diversas ações que pais, educadores e mediadores de leitura podem propor às crianças, nas áreas da literatura, produção textual, produção editorial, ciência-cidadã e meio ambiente, artes, música, entre outras, para ampliação da experiência da leitura.

O projeto foi idealizado e gerenciado pela autora, que, com as ilustrações, o conteúdo e o projeto gráfico prontos, firmou parceria com uma editora para a arte final e impressão do livro, o desenvolvimento técnico do *site* e a divulgação e comercialização.<sup>8</sup> Para a viabilização do projeto, foi realizado um financiamento coletivo<sup>9</sup>. Logo após o lançamento, o livro foi adotado por duas escolas de Curitiba (PR), para alunos de terceiro e quarto anos do Ensino Fundamental<sup>10</sup>.

---

<sup>8</sup> Editora Insight: <https://editorainsight.com.br/produto/passarinho-as-oito-e-pouco/>. Acesso em 12/08/2021.

<sup>9</sup> Financiamento realizado pela plataforma Catarse, entre 21/06/2019 e 10/08/2019: <https://www.catarse.me/passarinho8>. Acesso em 11/08/2021.

<sup>10</sup> Escola Trilhas e Escola Israelita Brasileira Salomão Guelmann.

## O VIRTUAL E O MATERIAL

“Natu - Contos das Árvores” e “Passarinho às oito e pouco” nasceram de desejos pessoais de profissionais ligadas à comunicação que investiram na ideia de despertar o interesse das crianças pela natureza e reconectá-las ao ambiente externo, levantando a bandeira da literatura. Conectar para desconectar seria um bom lema para estes projetos.

Jason Farman (2015), em texto no qual analisa três projetos de narrativas locativas para dispositivos móveis e um projeto de *storytelling* gerado pelo usuário, desenvolvidos nos Estados Unidos e no Canadá (On the Spot, [murmur], Approach, e TXTual Healing), fala de como as tecnologias móveis impactaram e estão a influenciar as formas de se contar histórias e de orientar nossos corpos em relação às narrativas existentes em cada espaço, mostrando o papel que a materialidade do *medium* exerce na nossa experiência e percepção das histórias de um lugar. Os dispositivos móveis estão contribuindo, por exemplo, para que histórias de minorias silenciadas ou histórias não contadas pelo sistema estabelecido sejam mostradas, revelando outros pontos de vista. Estão contribuindo para inserir novas camadas de sentidos para os mesmos espaços físicos, por meio de novas histórias, contadas de maneiras diversas.

No *app* “Natu”, que funciona por geolocalização, as histórias só podem ser lidas quando o usuário está próximo à árvore que escolheu explorar. Muitas outras narrativas circundarão o local, eventualmente estátuas em praças, placas, grafites em muros próximos e outros suportes que em si contam histórias oficiais ou marginais. No entanto, é em função do dispositivo móvel que é possível mergulhar em uma aventura exploratória diversa, que leva a descobertas científicas e literárias, dando novo significado para aquele lugar. Ali, a criança poderá conhecer de forma lúdica as espécies escolhidas e ver a natureza como protagonista, numa experiência de leitura que certamente impactará a forma como ela percebe aquele espaço. Ler um livro sobre uma árvore plantada no Jardim Botânico do Rio de Janeiro, por exemplo, não é o mesmo que conhecê-la pessoalmente, ver uma animação em que o avatar dela própria se apresenta, fotografar cada uma de suas partes (com a câmera do próprio *smartphone*), ler informações técnicas sobre ela e ainda ler e ouvir um conto que envolve muitos sentidos, sentado embaixo de sua copa. É o que arriscaríamos chamar de uma experiência virtual corporificada. A experiência da criança com a natureza e com aquele espaço certamente será afetada por essa maneira diferente de se contar uma história, a partir do dispositivo móvel.

Para Farman (2014), nas narrativas locativas, o conteúdo com o qual nos engajamos afeta a experiência que temos de um espaço, ao mesmo tempo em que o espaço afetará nossa experiência do conteúdo. Segundo o autor (2015), a relação corporal com um espaço e as histórias desse espaço se dá em múltiplas camadas, como dissemos há pouco, com várias histórias sendo contadas ao mesmo tempo:

Mobile media are less about producing digital simulations that replace the material world and are instead more interested in producing ways that the virtual and the material interact in meaningful, embodied ways. In pervasive computing culture, embodiment is not based upon how well a technology can produce simulations or create illusions of reality, but instead how digital media create sensory experiences of layering. (Farman, 2015, p. 107)

As narrativas locativas permitem, pois, o acréscimo de camadas de sentido e de experiências sensoriais aos elementos do espaço exterior. Essa disposição em camadas, segundo Farman, é emblemática do “virtual” e afeta toda a experiência estética e do ato de leitura. Assim, pode-se dizer que também “Natu” inscreve um novo nível narrativo dentro de cada parque ou área verde urbana em que se insere e modifica a experiência do leitor e sua relação com aquele ambiente.

Enquanto em “Natu” o ponto de partida é o dispositivo, “Passarinho às oito e pouco” tem movimento contrário, parte da história literária no livro impresso. Pode-se parar por ali, em casa ou na escola, apenas lendo o livro físico. No entanto, acionando o dispositivo móvel para a leitura do código QR, é como se a criança recebesse uma chave que abre as portas para outro universo, onde o informativo e o lúdico transitam de forma orgânica, levando a descobertas e aprendizado, encantamento e novas histórias. Aqui o dispositivo móvel não é essencial para a história, já lida, que se basta como obra literária (inclusive para uma leitura ecocrítica), mas é ponte para o enriquecimento dela, por meio do *storytelling* – a revelação, em texto, fotos e vídeos do verdadeiro passarinho e de como ele se comportava; por meio da interação que leva o leitor a enviar um poema e conhecer o texto escrito pelo personagem; por meio das informações científicas e de produções artísticas sobre o mundo das aves e da ciência cidadã; e de todas as atividades sugeridas que podem levar as crianças a se desconectarem e explorarem a natureza para reconhecer as aves de sua rua, cidade ou região. A experiência literária expande-se em momentos de pós-

leitura, que enriquecem o conhecimento de mundo mediante a exploração da relação texto-eu, texto-textos, texto-mundo (Keene e Zimmermann, 1997).

Neste projeto, embora de forma diversa, a materialidade, híbrida, que transita do livro físico ao dispositivo eletrônico, também modifica a experiência de leitura e inscreve novas histórias numa mesma narrativa.

## UMA VISÃO ECOCRÍTICA

Os dois projetos literários dos quais aqui tratamos suscitam um olhar por via da ecocrítica, corrente de pensamento que estuda de maneira interdisciplinar as relações entre a literatura e o meio ambiente. Mas não só. Como explica Marques (2012):

A Ecocrítica refere-se, num sentido lato, a qualquer produção cultural do homem (filmes, livros, quadros) e à sua relação com ele, com o mundo exterior, e tomando uma posição de responsabilidade sobre tudo aquilo que lhe é deixado e tudo aquilo que ele produz. Assim participa da teia cultural que nos forma e enforma, não esquecendo a própria alusão que o simples termo “texto” faz em relação à natureza – a teia.

Poderíamos dizer que a ecocrítica é a leitura da produção cultural inserida em seu contexto material, em seu ambiente natural, com todas as relações que se estabelecem, numa visão crítica e ética sobre essa interação e a ação do homem no meio.

Historicamente, como se pontua no histórico delineado por Barry (2002), a ecocrítica (ecocriticism), assim como os denominados “estudos verdes” (green studies), constituem-se em uma abordagem crítica que aponta para o final da década de 80, nos Estados Unidos, e início dos anos 90, no Reino Unido, embora como ideia ou conceito já tenha aparecido nos anos 70, em publicações como o texto fundacional de Williams (1973), “The Country and the City”<sup>11</sup>

---

<sup>11</sup> Williams, Raymond. *The Country and the City*. London: Chatto & Windus, 1973.

(que mesmo ainda não sob o termo “ecocriticism”, segundo os ecocríticos britânicos já evidenciava muitas do que seriam as preocupações da ecocrítica) e o ensaio de Rueckert (1978), “Literature and ecology: an experiment in ecocriticism”<sup>12</sup>. Segundo Barry, seu florescimento como movimento acadêmico mais estruturado ocorreu na década de 90, tendo como “fundadora reconhecida”, nos EUA, Cheryll Glotfelty, que viria a ser co-editora da coleção “Ecocriticism Reader: Landmarks in Literary Ecology” (University of Georgia Press, 1996).

Explica Marques (2012):

A análise ecocrítica de um texto pretende, de certa forma, dar voz a uma coisa silenciada – a natureza e o mundo exterior. Isto só foi possível acontecer com o advento dos estudos pós-estruturalistas e em particular dos estudos culturais, dos quais muitas abordagens mais descentralizadas nasceram (os estudos pós-coloniais, os estudos de gênero, entre outros). É uma perspectiva que deixa assim de ser homocêntrica, para ser ecocêntrica, o que implica uma abordagem completamente diferente, porque privilegiando o contrário. O que está em questão é o lugar do que está exterior ao autor e de que maneira este informa o “texto” produzido, de que forma influencia a forma de o ver.” (MARQUES, 2012, online)

Em trecho em que fala sobre a abordagem ecocrítica em textos canônicos, citando especialmente “O Rei Lear”, de Shakespeare (e a versão fílmica interpretada por Laurence Olivier), Barry (2009) ressalta como a leitura ecocrítica muda a maneira de ler, de dentro para fora, numa recusa em privilegiar o interno sobre o externo, e acrescenta uma perspectiva diferente, não limitada a trabalhos evidentemente sobre natureza (*self-evidently about nature*).

By this is meant that its strategy seems to be to switch critical attention from inner to outer, so that what had seemed mere ‘setting’ is brought in from the critical margins to the critical centre (so that, among other things, the storm is a storm, and not just a metaphor for the turmoil in Lear’s mind).” (BARRY, 2009)

---

<sup>12</sup> RUECKERT, William. “Literature and Ecology: An Experiment in Ecocriticism.” *Iowa Review* 9.1 (1978): 71-86.

Segundo Barry (2009), os ecocríticos releem as obras literárias sob uma perspectiva ecocêntrica, prestando atenção na representação do mundo natural e enfatizando a observação meticulosa, a responsabilidade ética coletiva e as reivindicações do mundo que está além de nós; aplicando outros conceitos, tais como equilíbrio e desequilíbrio, simbiose e mutualidade, usos sustentáveis ou insustentáveis de energia e recursos; enfatizando escritores que destacam e dão importância à natureza em suas obras; estendendo sua prática crítica literária para a escrita "factual" relevante (como ensaios, escritos de viagens, memórias e literatura regional). Para os ecocríticos, de acordo com Barry, a natureza não se reduz a um "conceito" que concebemos como parte de nossa prática cultural:

For the ecocritic, nature really exists, out there beyond ourselves, not needing to be ironised as a concept by enclosure within knowing inverted commas, but actually present as an entity which affects us, and which we can affect, perhaps fatally, if we mistreat it. (Barry, 2009)

Marino (2018), que desenvolveu estudos em ecocrítica visando à análise de texto de Ítalo Calvino<sup>13</sup>, explica que “assim como a crítica feminista examina a língua e a literatura de um ponto de vista consciente dos gêneros” e a crítica marxista interpreta os textos a partir de “uma consciência dos modos de produção e das classes econômicas”, a ecocrítica adota uma abordagem dos estudos literários centrados na Terra (GLOTFELTY apud GARRARD 2006, p.14)”. (MARINO, 2018, p. 38).

A ecocrítica apresenta-se, então, como uma linha de pensamento interdisciplinar, que transita não apenas na literatura, mas em diferentes áreas como antropologia, filosofia, biologia, ecologia, com uma “postura confessadamente política (GARRARD, 2006, p. 14<sup>14</sup>) e moral no que se refere às questões relacionadas ao meio ambiente e seus respectivos estudos” (MARINO, 2018). Resume Marino:

---

<sup>13</sup> CALVINO, Italo. *Marcovaldo ou As estações na cidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015 [1963].

<sup>14</sup> GARRARD, Greg. *Ecocrítica*. Brasília: Editora UNB, 2006.

(...) [a ecocrítica] tende a considerar a natureza por dois vieses: o primeiro, relacionado à ideia de que a noção de natureza é, de fato, construída cultural e socialmente; o segundo, de que ela realmente existe, mas não a partir (e somente) da lógica reducionista que a subjeta aos interesses do homem e do capital, lógica essa surgida desde a Revolução Científica dos séculos XVII e XVIII, que estabeleceu oposição entre o homem e a natureza ao considerá-lo superior a ela. (MARINO, 2018, p. 39)

Citando Jonathan Culler (2016), Marino (2018) afirma que “a ecocrítica, dentro da nova teoria literária, tem se estabelecido a partir do rompimento de lógicas discursivas binárias”:

Há uma tendência a buscarmos (não somente na literatura) uma virada ética, a contestarmos os discursos hegemônicos, a desestruturar normativas opostas como, por exemplo, a relação homem versus natureza, relação esta que faz repercutir diversas formas de violência, por considerar única e exclusivamente o ser humano como detentor de necessidades no mundo. Para o autor [Culler], a ecocrítica então emerge, “centrada na questão da terra que convoca a literatura e as sensibilidades literárias a pensar sobre o meio ambiente e os impactos que os seres humanos nele exercem” (CULLER, 2016, p. 91). (Marino, 2018, p. 38)

Para Culler, a ecocrítica pode “explorar textos que falam da natureza, de como os diferentes grupos tratam a natureza de forma distinta”. Também pode “ênfatar as celebrações da natureza para promover a consciência ecológica, ou pode, ainda, abordar de modo mais direto os usos humanos da natureza” (CULLER, 2016, p. 92 apud Marino, 2018, p. 38). Assim, conclui Marino (2018):

(...) a literatura, portanto, assume um papel fundamental ao estimular e propor discussões não somente no âmbito do meio natural e ecológico, mas igualmente no que diz respeito à ética que rompe com padrões pré-estabelecidos de pensamento. (MARINO, 2018, p. 34)

Com todos esses esclarecimentos e reflexões, podemos situar os dois projetos mencionados neste artigo como iniciativas literárias que podem facilmente ser percebidas pelo viés da ecocrítica.

Os contos de “Natu” posicionam as árvores da Mata Atlântica não apenas como cenário, mas como casa; casa de histórias, casa em constante transformação segundo as estações do ano e a ação do homem e dos animais, aves, insetos; casa onde a vida transcorre sendo ou não vista pelo homem (mas vista pelo leitor!). Nesse projeto, a natureza se impõe pela presença física dela própria (a geolocalização conduz até as árvores em si), proporcionando uma relação direta com ela, e também por meio da literatura, que vai dar outras cores e trazer novas emoções associadas àquela experiência. Natureza e literatura são objetos paritários de leitura, num entendimento ecológico das suas existências. Logo, a natureza não é apenas um objeto, a ser dominado pelo homem. É o elemento externo que é chamado a ser visto e que se mostra, como nos apresenta a ecocrítica, fazendo com que o ser humano se perceba como parte desse ambiente e não como seu dominador; como integrante de uma grande teia, de um sistema, que ele se permite perceber e vivenciar.

O projeto como um todo é uma iniciativa de viés ecocrítico, visto que é uma produção cultural, com responsabilidade ética, que faz refletir sobre a interação do homem com a natureza e incentiva efetivamente o contato, inclusive corporal, com esse ambiente. Da mesma forma, cada um de seus textos literários, individualmente, também pode ser lido a partir dessa ótica. No conto já citado, por exemplo, “Simãozinho e o pé de embaúba”, o macaco tem medo de subir na árvore, como fazem os seus pares. Com a ajuda do bicho-preguiça, e de sua infinita paciência e sabedoria, no entanto, ele se insere na vida que explode em cada parte da embaúba, e passa a perceber todo aquele meio, a conhecê-lo e a entendê-lo amigável.

Pensando ecocriticamente, a saga do pequeno macaco pode resumir a experiência do homem quando realmente conhece a natureza e seu papel para a vida (inclusive a sua) na terra. O medo e a necessidade de dominação passam a ser uma relação de amor, respeito e sentimento de integração, uma relação ecológica, portanto.

Da mesma forma, o projeto “Passarinho às oito e pouco”, embora com lógica e materialidade muito diversa, tem um forte caráter ecocrítico, com a vantagem de poder ser fruído não apenas por meio de dispositivos móveis (ou por tecnologia locativa, que necessariamente reduz a possibilidade de leitura e fruição).

Já da narrativa do livro impresso é possível fazer uma leitura ecocrítica, sobretudo por meio dos poemas feitos pela mãe, no olhar perscrutante para a natureza e na tentativa de compreender o motivo de o passarinho bater-se contra a janela. Do texto, liricamente construído, já se pode inferir a relação ambiental ali presente, seja pelo comportamento natural do passarinho, macho (estranhar outro passarinho refletido no vidro, considerando-o um invasor), seja pela interferência do homem na construção urbana, que invade o habitat de muitas espécies (ali percebe-se que a casa/apartamento insere-se em um contexto de bosque, que pressuporia o livre ir e vir das aves – refletido pela superfície do vidro):

(...)  
 Passarinho  
 Vê no vidro o verde bosque dobrado  
 E acha um só insuficiente  
 Será, passarinho?  
 (...)  
 Vê no vidro  
 Outro passarinho  
 A competir  
 Pelo verde espaço  
 Territorial ataque  
 De azul  
 Precisa, passarinho?

O poema já mostra que a personagem reflete sobre o fato e sobre o ambiente, guiando o olhar do filho e também semeando nele a necessidade de lidar com o acontecimento e de tentar compreendê-lo, sempre por meio da escrita e da linguagem. Esta reorientação do olhar para o ambiente e para a linguagem permeia toda a narrativa que, neste contexto, pode ser entendida como uma metanarrativa ecocrítica, uma vez que, tanto a narrativa literária construída pela autora, como a narrativa literária interna, construída pelos personagens, refletem sobre o ambiente e as relações humanas.

Quando se avalia o universo aberto a partir do código QR e do *site* do projeto, a preocupação em propiciar uma aproximação afetiva entre o leitor/fruidor e a natureza fica ainda mais clara. Mostrando a inserção da natureza na vida humana (ou a inserção humana na natureza), a partir de outras produções culturais (da literatura, da música, do *storytelling*, das entrevistas, etc) e também trazendo informações de caráter científico e educativo, o *site* reforça

vínculos com a natureza e propõe uma reaproximação física com o meio ambiente.

Isso fica muito claro quando se explora a área direcionada aos mediadores de leitura (seção “Educação”), onde são sugeridas 11 atividades, todas com nomes de passarinhos (ressaltando o caráter lúdico do projeto), que transitam pela literatura, produção textual e editorial, meio ambiente e ciência-cidadã, música e artes, entre outras áreas, visando a ampliação da experiência da leitura. Um exemplo é a ação denominada “Coruja”, assim apresentada:

O *site* WikiAves (<https://wikiaves.com.br>) é uma enciclopédia digital das aves do Brasil. Nela podemos encontrar informações, fotos, gravações de cantos e vídeos de uma imensa variedade de aves do nosso país. Que tal observar que aves e pássaros as crianças conseguem perceber em sua cidade ou bairro? E que tal sair para um bosque ou outra área com vegetação para fazer essa observação em conjunto? (Lembre-se de que os passarinhos são mais ativos no começo da manhã e no fim da tarde. Melhor observá-los entre 6h e 10h e entre 15h e 18h, quando a temperatura costuma ser mais amena).

Desenhe as espécies observadas, anote suas cores, como é seu canto, onde elas foram observadas e depois pesquise a respeito delas no *site*. O que você descobriu? Compartilhe com os colegas. [Neste link](#) você pode conhecer melhor cada parte do corpo de um pássaro, o que vai te ajudar a perceber mais detalhes e a descrevê-lo e desenhá-lo melhor.

Da mesma forma, outras atividades propostas visam provocar reflexões por meio da arte e da pesquisa sobre o (e no) meio ambiente.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS - CONECTAR PARA DESCONECTAR

Os projetos aqui apresentados provocam uma reflexão efetiva sobre o papel dos dispositivos tecnológicos e do meio digital na mudança da forma de se contar histórias. Como nos traz Farman, sobretudo em relação às narrativas locativas, a tecnologia é capaz de acrescentar novas camadas de significados a um espaço e a uma comunidade, e de propor novas narrativas, inclusive aquelas vindas de vozes até então silenciadas, histórias que permaneciam não contadas.

Nesse contexto, é importante observar que os dois projetos a que nos referimos foram viabilizados em parte por meio de financiamento coletivo. Essa forma de arrecadação de recursos é cada vez mais utilizada pela sociedade civil para apoiar e fazer florescer projetos que ela considera importantes e que possivelmente não teriam vez (e voz) a partir dos contextos tradicionais de viabilização desses produtos culturais (no caso, grandes editoras ou, agora, empresas digitais). A tecnologia, então (e a plataforma de *crowdfunding* é exclusivamente digital), facilita a inserção de novas vozes no mercado e, a partir disso, a inserção de novas narrativas e de outras camadas de significados aos espaços e comunidades.

As diversas materialidades que envolvem o meio digital (e as produções artísticas e literárias, nos mais variados formatos e propostas – e-books, *sites*, aplicativos literários, videogames narrativos, livros em realidade aumentada, narrativas hipertextuais, narrativas locativas, etc) também contribuem não apenas para se contar novas histórias, e histórias sob diferentes óticas, mas para contá-las de maneira diversa, contextualmente integrada, criativa, muitas vezes surpreendente. Também abrem espaço e amplificam possibilidades de projetos engajados eticamente com a natureza, como são os casos analisados.

Embora possa parecer, em um primeiro momento (sobretudo no caso do projeto “Natu”, em que a própria divulgação apresenta-o como um aplicativo educacional), que os projetos aqui apresentados sejam de viés didático, uma análise atenta por meio da ecocrítica mostra haver uma amplitude muito maior. São projetos de qualidade literária e de compromisso ético e ecológico, em que o meio ambiente e o ser humano são entendidos como partes de um mesmo sistema (como realmente são), onde convivem, inter-relacionam-se e afetam-se mutuamente.

Também têm uma preocupação em fornecer às crianças (pais, educadores, mediadores e público em geral) informações sobre a natureza e incentivá-las ao contato físico com ela, intermediado (ou iniciado) pela via digital. Por mais contraditório que pareça, essas duas iniciativas mostram que as materialidades digitais e a “vida digital” não são excludentes em relação à matéria natural e à “vida real”.

É senso comum que para se amar é preciso conhecer. “Um passarinho/ com nome / voa mais lindo”, diz o poema “De nome dado”, de Jaqueline Conte<sup>15</sup>. Assim, por meio de informações científicas, da literatura e de outras linguagens e conteúdos estéticos, trabalhados a partir da versatilidade dos meios e das materialidades digitais, os projetos “Natu - Contos das Árvores” e “Passarinho às oito e Pouco” reforçam a relação humana com a natureza, dentro de uma ótica em sintonia com a ecocrítica.

## REFERÊNCIAS

BARRY, Peter. “Ecocriticism”. In: *Beginning Theory: An Introduction to Literary and Cultural Theory*. 2ª ed. Manchester: Manchester UP, 2002 [1995]. Disponível em: <http://staffnew.uny.ac.id/upload/132299491/pendidikan/beginningtheoryanintroductiontoliteraryandculturaltheorysecondedition.pdf>

COELHO, Fernanda Sarkis. *Entrevista concedida a Jaqueline Conte*, e gravada em vídeo pela plataforma Zoom, em 30 de julho de 2021.

COELHO, Fernanda Sarkis. *Natu - Contos das Árvores*. Aplicativo disponível para download em: <https://itunes.apple.com/br/app/natu-contos/id1426227666?l=en&mt=8>. Acesso em: 18/08/2021.

CONTE, Jaqueline. *Passarinho às oito e pouco*. Curitiba: Insight, 2019.

CONTE, Jaqueline. *Passarinho às oito e pouco*, 2019. Site do projeto literário de mesmo nome, disponível em: <http://bit.ly/2kql1s9>. Acesso em: 18/08/2021.

FARMAN, Jason. “Stories, spaces, and bodies: The production of embodied space through mobile media storytelling”. In: *Communication Research and Practice*, 1:2, 101-116 (2015), DOI: 10.1080/22041451.2015.1047941.

---

<sup>15</sup> Poema inserido no livro “Céu a pino” (Editora Patuá, no prelo).

FARMAN, Jason. “Storytelling with mobile media: Exploring the Intersection of Site-Specificity, Content, and Materiality”. In: *The Routledge Companion to Mobile Media*. New York: Routledge, 2014. p 528 a 537.

KEENE, Ellin Oliver; ZIMMERMANN, Susan. *Mosaic of thought: Teaching comprehension in a reader’s workshop*. Portsmouth, NH: Heinemann, 1997. 2ª ed.

MARINO, Mariana Cristina Pinto. *Fugere urbem et locus amoenus quaerere: uma análise ecocrítica de Marcovaldo ou As estações na cidade, de Italo Calvino*. 2018. 134 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Linguagens) - Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MARQUES, Ricardo: s.v. “Ecocrítica” [2012], *E-Dicionário de Termos Literários (EDTL)*, coord. de Carlos Ceia, ISBN: 989-20-0088-9. Disponível em: <https://edtl.fsh.unl.pt/encyclopedia/ecocritica/>. Acesso em: 16/08/2021.

*Recebido em 13 de outubro de 2021*

*Aprovado em 01 de abril de 2022*